

## OS TRÊS ESTÁDIOS DA EXISTÊNCIA EM KIERKEGAARD *THE TREE STAGES OF LIFE IN KIERKEGAARD*

**GUSTAVO SAMPAIO BACELO\***

Bacharelado em Filosofia na Universidade Católica de Pelotas.

**Resumo:** O objetivo deste artigo é apresentar os três estádios da existência concebidos pelo filósofo danês Søren Kierkegaard, sendo eles o Estádio Estético, o Estádio Ético e o Estádio Religioso. Tendo em vista que em Kierkegaard é o indivíduo concreto que “assume” essas formas de existência, a primeira parte do trabalho é uma apresentação do indivíduo no pensamento kierkegaardiano, que é inerentemente angustiado. É pela angústia que o indivíduo pode transitar entre os estádios, realizando o que o autor chama de salto. Ao buscar fugir da angústia, e não vivendo uma vida autêntica, o indivíduo é acometido pelo desespero, a doença mortal. Na segunda parte do estudo, diferenciam-se os três estádios existenciais. O Estádio Estético, marcado pela busca de prazeres; o Estádio Ético, que embora o indivíduo esteja encaixado em um padrão “universal”, encontrou a riqueza de ser aquilo que quer ser; e, enfim, o Estádio Religioso, no qual realiza-se um salto ad absurdum para crer no impossível. O trabalho conclui mostrando que somente o indivíduo religioso possui a capacidade de vencer o desespero.

**Palavras-chave:** Kierkegaard. Existencialismo. Estádios da Existência. Indivíduo.

**Abstract:** The aim of this article is to present the three stages of life conceived by the danish philosopher Søren Kierkegaard, respectively the Aesthetic Stage, the Ethical Stage and the Religious Stage. Considering that in Kierkegaard is the concrete individual who “assumes” these forms of existence, the first part of this work is a presentation of the individual in the kierkegaardian thought, who is inherently anguished. It is by the anguish that the individual can transition between the stages, doing what the author calls a leap. By seeking to escape anguish, and by not living an authentic life, the individual is affected by despair, the sickness unto death. In the second part of the study, differentiates the three stages. The Aesthetic Stage, characterized by the search of pleasure; the Ethical Stage, where although the individual is fitted into a “universal” standard, they have found the richness of being what they want to be; And finally, the Religious Stage, where a leap ad absurdum occurs to believe in the impossible. The work concludes showing that only the religious individual has the capacity to win the despair.

**Key-words:** Kierkegaard. Existencialism. Stages of life. Individual.

## 1 INTRODUÇÃO

Søren A. Kierkegaard (1813 – 1855) é o filósofo dinamarquês conhecido como o pai do existencialismo. Dedicou sua obra ao estudo do indivíduo e sua forma de existência. Diferente da corrente existencialista que o sucede, predominantemente ateia, Kierkegaard faz o que pode-se chamar de existencialismo cristão, no qual Deus não é somente um conceito filosófico, mas é compreendido como encarnado na história, com um papel fundamental. Como a filosofia de Kierkegaard é sobre o indivíduo concreto, convém expor breve biografia do autor, para melhor compreender a sua obra.

Kierkegaard nasceu em uma família profundamente cristã, em Copenhague, onde foi marcado particularmente pela sua figura paterna, que acreditava carregar uma "culpa", uma "maldição" que se estenderia a toda família. Relaciona-se que foi essa consciência de amaldiçoado que fez com que Kierkegaard terminasse seu noivado com a jovem Regina Olsen. A angústia é um tema central em seus livros. Não surpreende que a fase após o término do noivado foi a mais produtiva, no sentido de produção filosófica do autor.

Enfim, após ser vítima de uma revista satírica (*Corsaren*), tornou-se recluso, e desistiu da ideia de tornar-se pastor luterano (posteriormente, embarcaria em uma cruzada contra a "Cristandade"). É importante saber que Kierkegaard faz uso da literatura em suas obras. Conforme será visto, para definir os estádios o autor utiliza pseudônimos, que "encarnam" cada forma de existência.

O presente artigo faz uma breve introdução sobre a importância do indivíduo, do papel da angústia (como condição própria do homem), e da doença mortal (o desespero). A seguir, expõe,

consultando as obras *Ou-Ou* (parte um e parte dois) e *Temor e Tremor*, quais são os três estádios de vida, isto é, as três formas de existência, dentre os quais somente o indivíduo religioso tem a possibilidade de vencer o desespero<sup>1</sup>.

## 2 A IMPORTÂNCIA DO INDIVÍDUO E DA ANGÚSTIA EM KIERKEGAARD

Para Kierkegaard, e posteriormente para a corrente existencialista da qual ele é considerado o pai, o indivíduo vale mais do que a espécie, pois cada indivíduo é *imago Dei*<sup>2</sup>, assim, "na defesa do indivíduo [...] se concretiza e se desenvolve toda a obra de Kierkegaard" (Reale; Antiseri, 2005, p. 227).

O contexto filosófico da época do autor era de predominância do idealismo alemão, que buscava abarcar toda a realidade em grandes sistemas filosóficos, por meio da razão. O Particular, então, acabava como que desaparecendo, frente ao Universal. O Indivíduo concreto não era objeto de reflexão, mas sim o conceito de Humanidade. Kierkegaard, ao contrário, "não pensa o ser humano como um tipo de *substância metafísica*, mas mais como uma conquista, uma meta que deve se esforçar para atingir"<sup>3</sup> (Lippitt; Evans, 2024, tradução nossa, grifo nosso).

Sendo o ser humano uma meta a ser atingida, antes de uma substância já dada, não se pode admitir que a existência "se encerrasse [...] a um bloco imperturbável, imóvel e imutável" (Santos, 2017, p. 97), mas o indivíduo real, concreto, deve confrontar-se consigo mesmo, para livremente constituir-se.

---

1 Os dados biográficos foram retirados da Enciclopédia de Filosofia de Stanford (Lippitt; Evans, 2023).

2 Claro que, enquanto a valorização do Indivíduo vale para a corrente existencialista, o argumento que se usa para tal, do indivíduo enquanto *Imago Dei*, não é absorvido pela maioria dos existencialistas, que não se posicionam como cristãos, enquanto Kierkegaard claramente o faz.

3 Texto no original: "does not think of the human self predominantly as a kind of metaphysical substance, but rather more like an achievement, a goal to strive for".

Enfim, o modo de ser do indivíduo é sua existência, existência que é caracterizada pela liberdade, pelo poder-ser. Assim, da mesma forma que a liberdade é própria da condição do homem, a angústia, por sua intrínseca relação com a liberdade, torna-se igualmente inerente.

## 2.1 A ANGÚSTIA

Como visto, o indivíduo é "cercado" de possibilidades (e isto é o ser livre), mas, como toda a possibilidade se encontra somente no futuro, torna-se próprio da condição de "ser livre" a angústia, o angustiar-se pelas possibilidades que o futuro reserva para si. Longe de ser algo de valor negativo, é por meio da angústia que o indivíduo confronta-se consigo mesmo, toma suas decisões, rumo à sua forma autêntica de existência, ou, então, ao contrário, condena-se ao desespero, tentando fugir da angústia.

Enquanto a angústia é fruto da reflexão, da possibilidade de escolhas que o indivíduo possui diante de si, o desespero, pelo contrário, é fruto da fuga da reflexão, levando o indivíduo a uma forma de vida que não é autêntica.

É precisamente a reflexão, o ato de confrontar-se consigo por meio da angústia<sup>4</sup>, que torna possível a transição livre de um estágio de existência para outro. Essa transição, fruto de uma escolha livre, é chamada pelo autor em suas obras de *salto*. A nomeação de "salto" que a transição recebe é precisa, pois evidencia que é algo que se dá livremente, por decisão do indivíduo, e não realizada por algo externo a ele.

## 3 OS TRÊS ESTÁDIOS DE VIDA

No seu percurso de existência, o homem, que é livre diante de si, encontra-se, de acordo com Kierkegaard, com três formas de existir, três pos-

sibilidades de ser (vale dizer que, para ele, existência é possibilidade, é poder-ser). Essas formas de vida são chamadas por ele de "estádios de vida (ou da existência)". São nos três estádios que o homem tem a chance de "concretizar o poder-ser de suas possibilidades" (Santos, 2017, p. 100). São eles o Estádio Estético, o Estádio Ético, e o Estádio Religioso.

## 3.1 O ESTÁDIO ESTÉTICO

O indivíduo esteta é aquele que vive pelos padrões da vida estética<sup>5</sup>, movendo-se de prazer em prazer (sejam estes os da arte, da música, os prazeres sensuais, etc) para buscar saciar-se existencialmente, rejeitando os compromissos. O indivíduo esteta admite sua "falta de capacidade" de abraçar o que é estável: "Tenho coragem, creio eu, para duvidar de tudo; [...] mas não tenho coragem para reconhecer uma coisa: não tenho coragem para *possuir*, para ficar na posse de alguma coisa" (Kierkegaard, 2013, p. 50, grifo nosso).

Como visto na introdução, Kierkegaard dá "voz" aos estádios existenciais por meio de pseudônimos. O esteta, em sua obra, é Johannes, o "autor" de *Diário de um sedutor*. Embora o indivíduo esteta se apresente como alguém com total domínio de si, plenamente livre (e aqui, no sentido de libertinagem), é, na teoria kierkegaardiana, alguém dominado por seus instintos, que não vive uma vida autêntica, e, tentando fugir da angústia, não reflete sobre si. No dia quatorze de seu diário, Johannes descreve o desespero próprio para o qual a vida estética conduz:

Mal me reconheço. A minha mente ruge como o mar agitado nas tormentas da paixão. Se alguém pudesse ver

---

4 Como será visto posteriormente no artigo, também o desespero, no caso do indivíduo estético, pode tornar-se como o "meio" que torna possível o salto para outro Estádio.

5 Vale observar que "Para Kierkegaard, a estética não é caracterizada como ciência do belo (Baumgarten), ou a ciência dos princípios a priori da sensibilidade (Kant), nem como discurso sobre a arte. A estética kierkegaardiana é apresentada, desenvolvida e definida como forma de existência." (Leão; Martins, 2012, p. 205).

a minha alma neste estado, iria parecer-lhe que era como um barco que se afunda com a proa mar adentro, como se no seu pavoroso curso tivesse de descer rumo às profundezas do abismo. Ela não vê que no mastro vai um marinheiro na vigia. Eriçai-vos, forças bravias, agitais os vossos poderes da paixão, nem que o rebrantar das vossas ondas lance espuma contra as nuvens conseguireis entretanto erguer-vos sobre a minha cabeça; estou tranquilamente sentado como o rei das falésias. Quase não tenho pé, tal como uma ave aquática procuro em vão poisar no mar agitado da minha mente (Kierkegaard, 2013, p. 359).

O desespero, isto é, a doença mortal, no Estádio Estético, é fruto da insaciedade, que busca saciar-se nos prazeres sensíveis, finitos, sem refletir que a sede do indivíduo é de infinito, de eterno. Entretanto, esse mesmo desespero acaba sendo o responsável por fazer com que o indivíduo caia em si, é "responsável por fazer o esteta perceber sua situação atual frente à situação real ocasionando um choque. É esse choque de tomada de consciência que lhe fará encontrar uma nova forma de viver" (Cassol; Costa, 2014, p. 5).

Assim, após o confronto consigo mesmo ocasionado pelo desespero, está pronta a "ponte" para o Estádio Ético. Ocorre o *salto* para uma nova forma de existência do indivíduo.

### 3.2 O ESTÁDIO ÉTICO

Nessa nova forma de existência, o indivíduo sente que a vida puramente estética já não é capaz de sustentá-lo existencialmente. É nesse sentido que o Juiz Wilhelm (o pseudônimo que representa o indivíduo ético na segunda parte

da obra *Ou-Ou*) responde ao esteta Johannes da seguinte forma: "Não sou capaz de viver sob determinações estéticas, sinto que aquilo que é mais sagrado na minha vida sucumbe, exijo uma expressão mais elevada, e é essa que o ético me concede" (Kierkegaard, 2017, p. 242-243).

O indivíduo ético é aquele que obteve domínio de si, de suas vontades, de sua liberdade. O indivíduo ético escolhe o homem que quer ser. Enquanto o esteta é aquele para o qual o homem é o que é, de forma imediata, o ético é aquele que se transforma no que escolhe se transformar (Santos, 2017). Entretanto, é importante salientar que tal escolha não é definitiva, mas o *salto* para uma nova forma de existência não anula a possibilidade de retorno a uma existência menos autêntica<sup>6</sup>.

Diferente do indivíduo esteta, o ético se encaixa dentro de um padrão social, mas, mesmo "encaixando-se" em um padrão "universal", algo que poderia ser de valor negativo para a autenticidade do indivíduo no pensamento kierkegaardiano, nesse ato de "escolher livremente encaixar-se em um padrão" o indivíduo descobriu uma riqueza infinita, que é a possibilidade de criar livremente a sua própria identidade, não sendo somente refém de seus instintos. Assim como o "sedutor" é a figura que representa o esteta, o "marido", que escolhe e se mantém toda a vida com uma única mulher, é a figura representante do indivíduo que vive a vida ética, limitando a anomia estética:

O Estádio Ético não se opõe aos prazeres do esteta, mas organiza a anomia estética, dando limites aos desejos pelas regras em que o ético *escolheu* ficar sob o jugo. O ético faz escolhas livremente para poder realizar o possível. Para Kierkegaard, o ético faz a liberdade triunfar através do cumprimento do seu dever e realizando o "geral", isto é, casando-se, sendo um

---

6 "Quero impedir-te de dares repentinamente um salto para trás" (Kierkegaard, 2017, p. 204).

funcionário público, indo à igreja com a família aos domingos, passando para todos a ideia de uma pessoa comum que convive em sociedade de forma equilibrada e sadia (Santos, 2017, p. 105, grifo nosso).

Nota-se que o indivíduo ético não exclui o elemento estético, como um "rigorista", mas o limita, servindo-se dele, ao contrário do esteta, cuja vida resume-se, como que uma servidão, ao elemento estético:

O desespero não é ruptura nenhuma, é antes uma transfiguração [...] Os esteticistas temem igualmente que a vida venha a perder a delectável multitude que ela tem, desde que seja vista de uma forma tal que cada um dos indivíduos singulares viva sob determinações estéticas. Eis de novo um mal-entendido que é certamente ocasionado por variadas teorias rigoristas. No desespero nada sucumbe, *tudo o que é estético permanece num homem*, apenas se trata de algo que está posto ao seu serviço (Kierkegaard, 2017, p. 235, grifo nosso).

Cabe ressaltar que esse ato de escolha, de triunfo da liberdade através do dever, de domínio de si, não acontece de forma abstrata, transcendental, ou tão somente como conceito teórico. Se assim fosse, Kierkegaard cairia nos mesmos problemas que via na filosofia anterior a ele. Mas, longe de ser algo abstrato:

o ético escolhe a si mesmo ao escolher – isto é, tomar decisões – *na vida cotidiana*, decisões que impliquem resultados concretos, por vezes, e decisões quanto ao significado dos eventos que

externamente se passam e que, assim interiorizados, se tornam subjetivamente significativos para o indivíduo (Crubellate, 2012, p. 63, grifo nosso).

Porém, ainda que no Estádio Ético o indivíduo descubra uma riqueza existencial, a ética não é capaz de conceder ao indivíduo uma existência totalmente autêntica. Ela "oferece ao indivíduo um *télos* [...], uma lei, e um objetivo" (Cassol; Costa, 2014), mas está presa no finito, na vida ordinária, tornando o indivíduo passível de esquecer-se do infinito, do eterno, e então, torna-se acometido pelo desespero (Santos, 2017). A doença mortal só poderá ser vencida no terceiro Estádio existencial, o Estádio Religioso.

### 3.3 O ESTÁDIO RELIGIOSO

O indivíduo ético, por fazer escolhas livres e conscientes, é confrontado com a possibilidade de fazer escolhas erradas. Refletindo sobre si, percebe seus erros, e reconhece-se como insuficiente, vislumbra, então, a possibilidade de um arrependimento. Entretanto, o arrependimento legítimo do *eu* só é possível para o indivíduo religioso, que se vê diante de Deus, não para o ético (Santos, 2017).

Como figura representante do Estádio Religioso, Kierkegaard escolhe Abraão, que, por ordem divina, sacrificaria seu filho Isaac, algo que, do ponto de vista ético, é escândalo. O indivíduo religioso, então, é aquele que, percebendo a sua insuficiência, como finito, diante do infinito, realiza um salto *ad absurdum*, um salto na fé. Em sua obra *Temor e Tremor*, Kierkegaard, sob o pseudônimo de Johannes de Silentio<sup>7</sup>, ilustra bem a crença no impossível que é própria do Estádio Religioso:

vamos supor que Isaac fora realmente sacrificado. Abraão acreditou, não que

---

7 Não confundir com o "Johannes" de O Diário de um Sedutor.

um dia fosse ditoso no céu, mas que seria cumulado de alegrias cá na terra. Deus podia dar-lhe de novo Isaac, chamar de novo à vida o filho sacrificado. Acreditou pelo absurdo, pois todo humano cálculo estava, desde longo tempo, abandonado (Kierkegaard, 1974, p. 271).

O autor não nega a importância das normas éticas, nem que o indivíduo deva esquecer-se de sua condição de homem, de criatura, mas afirma a primazia da vontade de Deus. Enquanto o esteta não reflete sobre si, sobre o seu fim, e o ético crê que o seu fim está na terra, o religioso reconhece Deus como realidade última (Santos, 2017).

Ainda que não negue a importância da moral, há no indivíduo religioso uma suspensão teleológica da moral. Como visto no Estádio Ético, o indivíduo ético é "o Indivíduo que tem o seu *telos* no geral; a sua tarefa moral consiste em [...] despojar-se do seu caráter individual para alcançar a generalidade. Peca o Indivíduo que reivindica a sua individualidade frente ao geral" (Kierkegaard, 1974, p. 283).

Já no Estádio Religioso, o geral não é maior que o indivíduo, mas ao contrário. No exemplo de Abraão, a moral é tentação, que busca desviá-lo de seu dever, pois a moral "diz" simplesmente que um pai deve amar seu filho. Mas o dever de Abraão é realizar a vontade de Deus, sem mediação ou compreensão do geral. Semelhante é o exemplo de Maria, "o anjo [...] não foi dizer a todas as outras virgens: *Não desprezeis Maria, porque lhe sucedeu o extraordinário*. Apresentou-se perante ela só e ninguém a pôde compreender. [...] Não precisa, absolutamente nada, da admiração do mundo" (Kierkegaard, 1974, p. 290, grifo do autor). A relação é entre o Indivíduo e Deus, em quem coloca o seu *telos*.

Somente assim, o indivíduo religioso possui condições de vencer a doença mortal, o desespero, pois crê no paradoxo de que o impossível é possível, "paradoxo capaz de fazer de um crime um ato santo e agradável a Deus, [...] paradoxo

que não pode reduzir-se a nenhum raciocínio, porque a fé começa precisamente onde acaba a razão" (Kierkegaard, 1974, p. 282).

## 4 CONCLUSÃO

O presente artigo teve como objetivo expor os três estádios da existência pensados por Kierkegaard, o Estádio Estético, Estádio Ético e Estádio Religioso, logo após uma breve exposição da importância do indivíduo e do papel da angústia no pensamento do filósofo, para o qual a angústia é inerente ao indivíduo livre, cercado de possibilidades. A angústia propicia o confronto consigo mesmo, gerando a condição para um *salto* (conceito que o autor utiliza para a transição entre os estádios). Ao buscar fugir da angústia, o indivíduo cai no desespero, a doença mortal.

Expôs-se que o Estádio Estético é marcado pela busca de prazer sem compromisso, onde o indivíduo procura preencher sua "sede" de infinito com prazeres sensíveis, caindo inevitavelmente no desespero. O indivíduo Ético, ainda que tenha dominado a si mesmo, encaixando-se em um "padrão universal" cai em erro semelhante, procurando uma vida autêntica e plena no finito.

Então, a vida plenamente autêntica encontra-se no Estádio Religioso, em que o indivíduo se abre para o infinito, coloca Deus em uma posição de primazia, e possui condições de viver uma vida livre da doença mortal.

Após a exposição, conclui-se que no pensamento kierkegaardiano, ainda que o Estádio Ético seja de uma riqueza profunda para o indivíduo, principalmente em comparação com a anomia própria do Estádio Estético, o mesmo só poderá encontrar uma vida livre do desespero, a doença mortal, no Estádio Religioso, que é um salto *ad absurdum*, ilustrado por Abraão, pronto para realizar o sacrifício de Isaac, onde a ética não é excluída, mas a vontade de Deus possui primazia.

A partir do estudo dos estádios existenciais kierkegaardianos, e de uma leitura atenta sobre a sociedade contemporânea, emerge o seguinte questionamento: será que na contemporaneida-

de, as distinções dos Estádios Estéticos e Éticos se sustentam? Pois, observa-se que o “padrão universal” não é mais, como era na época do filósofo, uma limitação à anomia própria do esteta, onde o indivíduo aprende a dominar-se, mas, ao contrário, mostra-se como padrão a própria anomia, o que acarreta em um certo “egoísmo” hedonista.

Parece haver, também, uma certa rejeição ao Estádio Religioso. Pode-se inclusive refletir se não há, na cultura de consumo atual, uma fusão entre o Estádio Religioso e o Estádio Estético, onde a “fé” não é uma abertura do indivíduo ao Infinito, mas uma procura pela “religião” que, sem compromissos, mais o agrada.

Assim, percebendo que não há uma demarcação tão sólida das formas de existência, uma “atualização” dos estádios existenciais kierkegaardianos revela-se como conteúdo para pesquisas posteriores.

## REFERÊNCIAS

CASSOL, Josimar; COSTA, Vitor Hugo dos Reis. Os estádios existenciais em Soren A. Kierkegaard. In: SEMANA ACADÊMICA DO CURSO DE FILOSOFIA DA FAPAS, 13., 2014, Santa Maria. **Formação e condição humana**. Santa Maria, 2014, p. 1-12.

CRUBELLATE, João Marcelo. Existência Ética em Kierkegaard: Tornar-se Personalidade. **Pensando – Revista de Filosofia**, [S.l.], v. 3, n. 5, p. 56-81, 2012.

KIERKEGAARD, Søren. **Ou-Ou: um fragmento de vida: primeira parte**. Tradução do dinamarquês, introdução e notas de Elisabete M. de Sousa. Lisboa: Relógio D'Água, 2013.

\_\_\_\_\_. **Ou-Ou: um fragmento de vida: segunda parte**. Tradução do dinamarquês, posfácio e notas de Elisabete M. de Sousa. Lisboa: Relógio D'Água, 2017.

\_\_\_\_\_. **Temor e Tremor**. Tradução de Maria José Marinho. São Paulo: Victor Civita, 1974. (Os Pensadores, 31). Publicado com as obras *O Mundo como Vontade e Representação* (III parte), *Parerga e Paralipomena* (Capítulos V, VIII, XII, XIV) de Arthur Schopenhauer e *Diário de um Sedutor e O Desespero Humano* (Doença até à Morte) de Søren Kierkegaard.

LEÃO, Jacqueline Oliveira; MARTINS, Jasson da Silva. Novas perspectivas de criação ficcional: um diálogo sobre estética e literatura em Wilde e Kierkegaard. **Revista Entrelinhas**, São Leopoldo, RS, v. 6, n. 2, p. 202-215, jul./dez. 2012.

LIPPITT, John; EVANS, C. Stephen. **Søren Kierkegaard**. Stanford Encyclopedia of Philosophy. Stanford: Metaphysics Research Lab, Stanford University, 2023. Disponível em: <<https://plato.stanford.edu/entries/kierkegaard/#KierAnalHumaExisDespSociCritAnxi>>. Acesso em: 24 set. 2025.

REALE, Giovanni; ANTISERI, Dario. **História da Filosofia: Do Idealismo ao Positivismo**. Volume 5. São Paulo: Paulus, 2005.

SANTOS, Rômulo Gomes dos. Reflexão sobre os estádios existenciais em Søren Kierkegaard. **Guairacá Revista de Filosofia**, Guarapuava, PR, v. 33, n. 1, p. 95-116, 2017. DOI: 10.5935/2179-9180.20170007.